

INTRODUÇÃO

Nesta edição de *Miscelânea* foram discutidas, a partir do tema “Literatura e Memória: narrar é preciso”, as relações entre memória, história e literatura. Sabemos que desde os tempos em que os povos ignoravam a escrita, tal como a conhecemos, o homem buscava garantir que os conhecimentos, essenciais inclusive para a sobrevivência, fossem transmitidos de geração para geração por meio da memória dos mais velhos. Desse modo, a capacidade de memorização dos homens garantia que esses saberes fossem difundidos e preservados.

Os poetas também se apoiaram na capacidade de memorizar, tal como os aedos, para “lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória (kleos) dos heróis” e, ainda, para “lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa”¹. Assim, coube aos poetas, durante muitos séculos, a tarefa de contar e cantar os grandes feitos para que esses não caíssem no esquecimento e pudessem, de uma maneira ou de outra, colaborar com a preservação da memória, cultura e conhecimento dos povos.

Os séculos se passaram e, com as grandes mudanças ocorridas nas sociedades, a preocupação em salvar do esquecimento deixa de se concentrar nas glórias dos heróis épicos surgindo, assim, outras vozes, outros poetas e narradores que chamam para si a responsabilidade de livrar do esquecimento fatos e experiências importantes para a humanidade. Além disso, vários estudiosos, de diversas áreas do conhecimento, incluindo a Literatura, se dedicaram à questão da memória de Bergson a Marcel Proust, de Walter Benjamin a Borges, de Adorno a Todorov, entre outros. No âmbito literário o “breve século” XX é reconhecidamente como o “século das memórias”, em que há um *boom* de escritas de caráter memorialista, fato esse causado, segundo estudiosos, por este século ser marcado por grandes guerras e conflitos de várias espécies. Essas escritas são oriundas da necessidade de narrar e refletir sobre as catástrofes deste século, definido por Eric Hobsbawm² como a “Era dos Extremos”.

A memória, enquanto parte viva da retórica, representa a capacidade de o orador manter inalterada a força da matéria e a presença dela no discurso. Na oração, uma técnica considerada “artificial” (em oposição a uma outra, de ordem natural) auxiliava a performance oratória por meio de pontos de referências exteriores ao tecido do discurso mas que, pela facilidade e pela imediatez da própria carga simbólica, sabiam reconduzir a

¹ GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

² HOBBSBAM, Eric J. *A era dos extremos*. O breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

conceitos reconhecíveis. A memória torna-se, assim, forma de escrita mental para recuperar o discurso, evitar a fragmentação e o conseqüente equívoco dos significados. Este processo age, em termos também alegóricos, sobre a recuperação do passado no duplo plano do individual e do coletivo.

O ser humano tem a tendência para arquivar a própria memória, pois tem medo de desaparecer. Neste caso, a memória funciona como uma espécie de antídoto, exorcismo contra o desaparecimento da espécie. Porém, a corrida está perdida desde o início, pois carrega o germe do paradoxo: não existe nada mais subjetivo do que a lembrança. Sabemos bem que qualquer operação que tenha como alvo a recuperação de uma memória possui um caráter subjetivo, cuja evidente parcialidade, patente na experiência da literatura, da arte e de quaisquer outras atividades criativas, precisa percorrer, numa segunda fase, a operação da montagem, da reconstrução, antes de ser entregue ao processo hermenêutico e a qualquer tipo de reflexão crítica. O dispositivo do resgate da memória, da própria arqueologia, reside na recuperação das raízes mais profundas do ato criativo, que é sempre altamente simbólico, por vezes até contundente.

A memória coletiva representa um infinito depósito em devir de partículas microfísicas que são as nossas recordações transmitidas por meio de formas de linguagem. Na realidade entregamos à elaboração dos pósteros (ou seja da História) objetos totalmente meta-históricos, como por exemplo a evocação das raízes, da pátria, da terra onde estão sepultados os nossos mortos (o étimo alemão *Heimat* contém muitos destes significados) que alimentam a ciclicidade da existência.

O romance, a literatura e a arte em geral podem ser os territórios privilegiados onde se pode exercer a investigação e ao mesmo tempo elaborar a representação daquilo que Ricoeur (2007)³ definiu a vertente egológica da experiência mnemônica: ao leitor e – mais em geral – à própria coletividade que produziu as experiências (mesmo as mais traumáticas) de que se narra numa obra literária, cabe a função de reativar as dinâmicas e as conexões por meio das quais se desenha o discurso da memória. Não tanto a lembrança como *mneme*, para retomar a dialética fundadora entre abordagem cognitiva e abordagem pragmática, mas sim como *anamnesis*, a lembrança de uma investigação que constitui, em si, uma forma de reminiscência. Uma *praxis*, portanto, que contempla não apenas o fato de ter uma lembrança, mas sim de empreender um caminho de busca em direção à lembrança. A literatura tem também a tarefa de resgatar matérias depositadas num espaço – um limbo – onde persiste a ameaça do esquecimento. Mais do que propriamente à análise do singular “frame” na arquitetura complexa daquilo que pertence ao

³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Edunicamp, 2007.

passado, portanto, a relação entre literatura (como narração) e memória (como “fonte”) deveria dedicar a atenção, cada vez mais, aos processos da recordação, às condições, aos instrumentos formais e epistemológicos próprios da cultura à qual o sujeito pertence.

Desse modo, narrar é preciso, narrar é urgente para que as novas mudanças, advindas da grande revolução da era digital, não apaguem por completo a memória, a história, dado que, segundo Márcia Tiburi⁴, “hoje, preocupados em “emitir” ansiosamente qualquer informação da internet, sobretudo em redes sociais, não é absurda a impressão de que não se quer mais adquirir memória, mas livrar-se dela”. Há que se destacar que o esquecimento, e não o apagamento, o livrar-se das memórias, é também necessário, basta pensarmos nos estudos a esse respeito, como, por exemplo, o já citado *A memória, a história, o esquecimento* (2007), de Paul Ricoeur.

Esta edição da revista *Miscelânea* oferece ao leitor um conjunto de dezoito artigos dedicados ao cruzamento entre o tema e a função da memória e os estudos literários.

Com o artigo intitulado “AGOSTO DO 36, DE XOSÉ FERNÁNDES FERREIRO, UM RELATO DE MEDO, SADISMO, VIOLÊNCIA” Delia Cambeiro, traça as coordenadas para entender a fase do chamado “rexurdimento” (renascimento) da literatura galega moderna tomando como modelo o romance de Xosé Fernández *Agosto do 36* em que se reativa a memória histórica sobre a Guerra Civil Espanhola.

Em ASPECTOS ÉTICOS E ESTÉTICOS DO TESTEMUNHO E DA TEORIA DO TRAUMA EM *SOZABOY, A NOVEL IN ROTTEN ENGLISH*, DE KEN SARO-WIWA os autores Celina de Oliveira Barbosa Gomes, Flávia Aparecida Hodas e Ricardo André Ferreira Martins, apresentam algumas definições sobre a teoria do trauma e da literatura de testemunho nessa narrativa “antiguerra”.

No artigo O CANTO DO SOBREVIVENTE. CATÁBASE E NÓSTOS NA ESCRITA TESTEMUNHAL DE PRIMO LEVI”, Anna Basevi investiga o *topos* narrativo da catábase e da anábase como modelos da literatura de testemunho do século XX a partir das obras de Primo Levi: *Se questo è un uomo* (È isto um homem?) e *La tregua* (A trégua), tendo em vista, entre outros aspetos, o diálogo intertextual com Dostoievski.

Isis Milreu em *TODOS ÉRAMOS HIJOS: LITERATURA E MEMÓRIA* analisa a narrativa de Maria Rosa Lojo destacando a maneira como

⁴ TIBURI, Márcia. O papel da memória e da literatura na era digital. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/marcia-tiburi-o-papel-da-memoria-e-da-literatura-na-era-digital> . Acesso: jan.2017.

essa escritora apresenta a memória de sua geração na construção do tecido narrativo, especialmente no que diz respeito à ditadura Argentina de 1976.

No artigo “A MEMÓRIA EM *FUGITIVE PIECES*, DE ANNE MICHAELS”, Ester Suassuna Simões estuda as questões do esquecimento, do trauma e da pós-memória a partir da narração da experiência do holocausto e da sobrevivência ao campos de concentração relatada no primeiro romance da escritora canadense Anne Michaels, *Fugitive Pieces*, em que a linguagem, o tempo e o espaço se associam à individualidade e à memória coletiva.

Com o artigo de Eda Nagayama “A NARRATIVA LITERÁRIA ENTRE *BYSTANDING / STANDING BY*: “THE OPTICIAN OF LAMPEDUSA” E O TRAUMA DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS” volta-se para a atualidade do debate sobre os fluxos migratórios contemporâneos em direção à Europa, considerados sob a perspectiva dos estudos de trauma cultural a partir da narrativa da jornalista inglesa Emma Jane (*The Optician of Lampedusa*).

Luca Fazzini em ENTRE PÓS-MODERNO E PÓS-COLONIAL: MEMÓRIA E PERDA NO ROMANCE PORTUGUÊS DA GUERRA COLONIAL, apresenta, a partir de algumas considerações acerca do pós-moderno e do pós-colonial, expressas em particular por Boaventura de Sousa Santos, Fredric Jameson e Remo Ceserani, a uma leitura comparada dos romances portugueses *Os cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, e *Jornada de África* (1989), de Manuel Alegre.

Aparecida de Fátima Bueno e Márcio Aurélio Recchia em DE DÁDIVAS E LEGADOS: REFLEXÕES SOBRE O COLONIALISMO À PORTUGUESA EM MANOEL DE OLIVEIRA revisitam o passado recente de Portugal discutindo e apresentando algumas especificidades do colonialismo português a partir de dois filmes de Manoel de Oliveira, a saber: *Non, ou a vã glória de mandar* (1990) e *Um filme falado* (2003).

No artigo “FRAGMENTAÇÃO E REELABORAÇÃO POSITIVA DA MEMÓRIA: EM *CÂMARA LENTA*, DE RENATO TAPAJÓS”, Gabriela Rocha Rodrigues e Lúcia Sá Rebello, retomando a questão da política do esquecimento em relação ao testemunho, segundo a proposta crítica elaborada por Jean-François Lyotard, analisam o romance *Em Câmara Lenta* (1977), de Renato Tapajós demonstrando como as técnicas do *flashback* e do *flashforward* são funcionais para denunciar o trauma e a barbárie ocorridos durante o regime militar de 64 no Brasil.

Em “JOAQUIM CARDOZO E O TESTEMUNHO DA DÉCADA DE 20: MEMÓRIA E CRÍTICA LITERÁRIA NO MODERNISMO NORDESTINO” Elaine Cristina Cintra investiga a relação entre as memórias autobiográficas de Joaquim Cardozo e a historiografia literária, buscando

ressaltar questões relevantes sobre as produções artísticas e culturais em Recife na década de 20, do século XX, em que se destacam especialmente as questões inerentes ao grupo literário-cultural chamado Cenáculo de Lafayette e os relativos posicionamentos estéticos e culturais dessa geração.

No artigo A ARQUIVISTA ARCONTE E O EXERCÍCIO DE NARRAR: UMA VIDA DESCORTINADA Janieli Salgueiro da Silva e Alexandra Santos Pinheiro analisam a narrativa memorialista *Tantos anos* (1998), de Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz à luz de referenciais teóricos da memória como, por exemplo, *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, de Eclea Bosi, *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs, *O pacto autobiográfico – De Rousseau à internet*, de Philippe Lejeune, entre outros.

Guilherme Magri da Rocha e Cleide Antonia Rapucci em “A VOZ DA IRMÃ: as memórias de Eliza Straffen sobre Jean Ingelow”, recuperam escritoras negligenciadas pelo cânone e por meio da ginocrítica, vertente da teoria feminista anglo-americana, investigam a representação da mulher no vitorianismo a partir da figura de Jean Ingelow e de sua biografia, escrita por sua irmã, Eliza Straffen em 1091 (*Some Recollections of Jean Ingelow and her Early Friends*).

Em “ELIO VITTORINI E LUCIANO DE CRESCENZO: A REPRESENTAÇÃO MEMORIALÍSTICA EM *CONVERSAZIONE IN SICILIA* E *ELENA, ELENA, AMORE MIO*”, Maria Celeste Tommasello e Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria retomam os autores italianos Elio Vittorini (*Conversazione in Sicilia*) e Luciano De Crescenzo (*Elena, Elena, amore mio*) abordando, de forma comparatista e considerando a matéria histórica e a mitológica, duas diferentes perspectivas de escrita da memória.

Diana Navas e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira em “MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE EM *O OLHO DE VIDRO DE MEU AVÔ*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS, E *AOS 7 E AOS 40*, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA” procuram investigar, segundo uma abordagem de cunho comparatista e a partir das contribuições da Estética da Recepção, as configurações da construção identitária dos protagonistas das obras *O olho de vidro de meu avô*, de Bartolomeu Campos de Queirós e *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza por meio de seus relatos memorialísticos.

Martina Matozzi, em MEMÓRIAS FICCIONAIS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM *LIVRO* DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO, analisa o romance *Livro*, de José Luís Peixoto, abordando a reelaboração das memórias do autor, na qualidade de filho de emigrantes, do fluxo migratório português para a França ocorrido no século passado, mais especificamente nas décadas de 1960 e 1970.

O artigo PERFORMANCES DA MEMÓRIA: ORALIDADE E ESCRITA EM DIÁLOGO, de Vanusa Mascarenhas Santos, aborda , a partir da análise de *Terra Sonâmbula*, do escritor moçambicano Mía Couto, o diálogo estabelecido entre a escrita e a oralidade, evidenciando que a oralidade se apresenta como uma forma específica de articulação do pensamento e de compreensão do mundo.

Renailda Ferreira Cazumbá e Edvania Gomes da Silva em O ROMANCE COMO FORMA DE MEMÓRIA EM WALTER BENJAMIN E A FIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL DO NARRADOR D'A PEDRA DO REINO, DE ARIANO SUASSUNA analisam e discutem, a partir das idéias de Walter Benjamin expostas nos ensaios “Experiência e pobreza” e “O narrador”, a interação entre narração e memória no romance moderno abordando a experiência do narrador do *Romance d' A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

Em MEMORIAL DE AIRES: *TEMPO DE REVIVER*, Joel Cardoso e Maria Domingas Ferreira de Sales, abordam a questão do Tempo no clássico machadiano à luz dos estudos de Octavio Paz, Gaston Bachelard e Raul Castagnino demonstrando que nesta obra, escrita como um memorial, há o constante diálogo entre passado, presente e futuro e, ainda, discutem acerca do hibridismo desse gênero discursivo escolhido por Machado de Assis.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade
Roberto Francavilla